



A Sedução da Modernidade Lisboa

Como um livro aberto

Contestatórias da geração romântica, as obras do período naturalista português apresentadas no MNAC – Museu do Chiado têm uma forte influência da literatura da época

“Il me manque le repos, la douce insouciance qui fait de la vie un miroir où tous les objets se peignent un instant, et sur lequel tout glisse.”

Traduzido, fica mais ou menos assim:

“Falta-me o sossego, a doce negligência que faz da vida um espelho onde todos os objetos se penteiam durante um instante e sobre o qual tudo desliza”. Este excerto da peça de teatro *Les Caprices de Marianne*, do francês Alfred de Musset, representa no seu esplendor o Romantismo, a exacerbação dos sentimentos trazida para as diversas esferas da arte – da literatura à pintura.

A exposição *A Sedução da Modernidade* centra-se no Naturalismo, precisamente uma refutação das premissas do Romantismo, que em Portugal encontra a sua expressão máxima no Grupo do Leão, um grupo de pintores, escritores, jornalistas e atores reunidos em tertúlias na Cervejaria Leão d'Ouro, junto à Estação do Rossio, em Lisboa. “Isso é muito importante nessa geração: contestar o academismo”, conta a curadora Maria de Aires Silveira. Balizada entre 1850 e a viragem do século XIX para o XX, a exposição começa com esculturas de Vítor Bastos, sobre Camões, na Sala dos Fornos.

“Estou no museu há 26 anos e estas esculturas nunca tinham sido expostas...”, revela Maria de Aires Silveira. Em exibição estão, ainda, obras de António da Silva Porto, João Marques de Oliveira e António Soares dos Reis. “Eles iam para junto das paisagens tirar apontamentos e terminavam as obras no ateliê. Interessava-lhes captar as sensações ligadas às condições climatéricas, aos crepúsculos.”

Depois, passamos para a parte da geração dita “romântica”, onde encontramos um quadro de Francisco Métrass com um nu: “O nu não tinha tradição em Portugal a não ser na pintura mitológica. Aqui, aparece de forma natural, numa paisagem, a mulher em cima de uma pele de leopardo”, conta a curadora. “A ligação à literatura é feita através de referências literárias de autores como Camilo Castelo Branco e Antero de Quental. É uma exposição que se lê como um livro aberto.” Há ainda uma parte dedicada a Columbano Bordalo Pinheiro, nomeadamente com a exibição da obra *Um Concerto dos Amadores* (1882), que não era exposta há alguns anos. E termina com obras de António Carneiro (1872–1930), uma introdução, uma antecipação, ao que aí vem: o Modernismo. ■■

Cláudia Marques Santos

António da Silva Porto (na imagem, o quadro *Paisagem Tirada da Charneca de Belas ao Pôr do Sol*, de 1879) é um dos pintores representados na exposição



DR